

ENTREVISTA

D. SÔNIA, PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DE MULHERES DE SAQUINHO, MUNICÍPIO DE INHAMBUPE, BA

Elaine de Araújo Carneiro¹

Aurea da Silva Pereira²

Poder-se-ia considerar que nos últimos anos houve uma crescente participação feminina no exercício de cargos públicos, no protagonismo e nas ações dos movimentos feministas e nas representações como lideranças nas associações comunitárias. As associações comunitárias, ainda que de forma tímida, têm se tornado um espaço de formação política e de militância da mulher, quando busca encontrar soluções de questões fundamentais para a vida das pessoas que ali moram.

Entende-se que, nesse espaço de conscientização da cidadania, a mulher assume um lugar de poder e, corajosamente, enfrenta a hegemonia patriarcal. Até porque, a participação da mulher na atividade política sempre esteve limitada por ser uma atividade pública e, portanto, reconhecida socialmente como uma atividade masculina. É neste sentido, que consideramos importante trazer para o espaço acadêmico, parte da experiência narrada na entrevista concedida por Dona Sônia Maria da Conceição Barbosa, presidente da Associação de Mulheres Rurais da Comunidade de Saquinho e Região.

Dona Sônia, como é conhecida pelos moradores da comunidade, mulher negra, moradora da comunidade de Saquinho, município de

¹ Graduanda em Letras Vernáculas, bolsista do Programa de Iniciação Científica do CNPq(2016-20017).

² Doutora e Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade - PPGEduc-UNEB, Especialista em Linguística aplicada ao ensino de Língua Portuguesa(Uefs) e Licenciada em Letras Vernáculas (UNEB). Professora Adjunto do Colegiado de Letras, Departamento de Educação - Campus II /UNEB. Atualmente atua na linha de pesquisa 2- Letramento, identidades e formação de educadores do Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural (UNEB) . Faz parte dos seguintes grupos de pesquisa: GRAFHO -Grupo de Pesquisa Autobiografia Formação História Oral; GEREL - Grupo de Estudos em Resiliência, Educação e Linguagens; e, GEPHEG - Grupo de estudos e pesquisas em história, educação e gênero.

Inhambupe – BA, foi responsável pelas mais importantes e fundamentais conquistas do lugar, como luz elétrica, posto de saúde, escola, estradas, sedes das associações, entre outras coisas, conforme ela mesma diz. Consciente do seu papel e das amarras que tentam inviabilizar suas atividades, Dona Sônia, se autoafirmando como mulher, negra e pobre, participa diretamente das atividades políticas locais e protagoniza a continuação de uma história de lutas, lideranças e conquistas encabeçadas por mulheres negras. Ademais, percebe-se que as experiências narradas por Dona Sônia abre um leque de possibilidades de discussões sobre a consciência de gênero, raça, classe, entre outras que podem ser exploradas.

Na entrevista de caráter autobiográfico, que se apresenta a seguir, fica evidenciado o lugar de fala de quem convive com a opressão, fruto de uma sociedade misógina, machista, racista e desigual, que reage, muitas vezes, à figura da mulher, líder, empoderada e destemida. As próprias experiências de atuação nas políticas públicas da comunidade de Saquinho comprovam a ruptura de Dona Sônia com o lugar pré-estabelecido para a mulher negra e do meio rural na sociedade. É neste sentido que perceber as possibilidade de a mulher atuar como agente político, abrindo horizontes e descobrindo caminhos para enfrentar o sistema que insiste em não reconhecer o espaço conquistado pela mulher.

Elaine de A. Carneiro: Dona Sônia, conte-nos um pouco sobre sua trajetória de vida e como surgiu o interesse em trabalhar pela comunidade rural de Saquinho, município de Inhambupe-BA.

D. Sônia: Eu nasci em São Paulo, e lá meus pais se separaram e nessa separação ele me tomou da minha mãe e me mandou pra cá e assim eu fui criada aqui, sem pai, sem mãe, só com minha avó e os vizinhos. Eu tinha um ano e meio e vim com José Correia de lá da vila Caetano, e nessa época podia se mandar uma criança como quem manda um embrulho. Até um embrulho hoje se manda com mais cuidado, porque como eu vim hoje nem se manda um envelope. Ele me enviou sem roupa, sem calçado, sem nada. Do jeito que me tomou lá, me mandou pra cá. Ele me trouxe e me mandou pra minha avó, a mãe do meu pai. Minha vó se chamava Maria São Pedro, conhecida como Maria da Areia.

Eu fui criada aqui, mas fui muito cobrada, “sua mãe não sou eu”, “sua mãe não mora aqui”. E fui me criando com aquela curiosidade. Ai meu Deus do céu, como é que eu faço pra conhecer minha mãe? E nesse momento, quando eu completei meus dezessete anos, conheci uma pessoa e me envolvi. Fiquei grávida, tive o primeiro filho. E do primeiro filho começou meu sofrimento. Piorou ainda mais as cobranças.

Eu não tinha como me “valer” pra cuidar dos meus filhos, porque na verdade o pai só fazia fazer, mas cuidar, não. E eu tinha de trabalhar para sustentar, e também queria fazer uma casa. Porque a casa era da minha avó, e eu sentia que estava incomodando. E trabalhei na roça dos outros, num verão igual é esse hoje, e fui ganhando devagarzinho, nessa época o dinheiro que eu conseguia era tanto de comprar meio quilo de carne de sertão. Ai eu separava, comprava duzentos gramas de carne, comia com meus filhos, e a outra parte eu guardava pra ir comprando material pra construir. E depois Deus me abençoou que eu consegui levantar a casa. E no momento que eu levantei a casa, com todo sofrimento, carregando pedra, quebrei essa varize, fiquei uns trinta dias parada, sem andar, mas não desisti.

Aí eu pensei: “O que é que eu posso fazer?” Aí veio uma vizinha que se chama Doralice, que é sobrinha de tia Catarina. Ela veio de São Paulo, aí eu falando com ela, disse: “ Eu quero ir para São Paulo, porque, quem sabe, lá eu conheço meus pais e a minha vida muda. Vou trabalhar para construir minha casa. E graças a Deus eu fui, trabalhei, construí a minha casa, conheci os meus pais. Primeiro conheci a minha mãe, e segundo, conheci o meu pai. Quando fui para São Paulo, estava com vinte e cinco anos e já tinha três filhos, mas os filhos ficaram aqui.

A primeira casa que eu consegui o emprego foi a que me deu a luz para hoje eu trabalhar na comunidade. Então, ela me perguntava como era minha comunidade, como era que eu morava aqui. O nome dela era Damiene. Ela era de Portugal. Trabalhei na casa dela. Ela tinha trabalhado na África. Então ela me perguntou como era aqui. Então eu contei, e ela disse que era do mesmo jeito da comunidade que ela trabalhava. Dizia que lá tinha galinha, tinha isso, tinha aquilo, e ela fundou uma comunidade lá na África, onde ela cuidava de crianças, ela ensinava. Um dia ela disse: “Quando você chegar na

Bahia, você faça a mesma coisa. Mas, eu não tinha essa certeza de que iria fazer isso, mas eu coloquei na minha mente. E quando eu cheguei aqui, do mesmo jeito que eu tinha deixado a comunidade, eu encontrei. Mato de lado e de outro, nada construído. Tudo do mesmo jeito. Aí eu falei: “Meu Deus, o que é que eu faço pra um dia eu mandar uma foto pra ela?” Ela disse que queria uma foto do que eu fizesse aqui na comunidade.

Neste mesmo ano eu fui numa missa, porque tinha uma missa de ano em ano aqui na comunidade. Era Padre Benoni na época e Dom André. Aí ele falou que já estava com dois anos que estava na comunidade e convidava pessoas pra fundar a comunidade, e que até aquele momento ninguém se comprometia em fundar. Aí meu coração bateu e eu falei: “Meu Deus do céu, é a minha chance”, mas fiquei escutando, esperando que alguém se manifestasse. “Se alguém se manifestar, eu vou ajudar”, mas ninguém se manifestou. Aí como eu tenho um compadre e ele já conhecia a minha história, e falou, “aqui tem uma pessoa que quer fundar a comunidade”. Aí Dom André falou: “Então, quando terminar a missa, ela me procura e a nós vamos conversar”. Aqui não tinha nada. A missa era na casa de um senhor. Quando as pessoas começaram a ser organizar, e foi a partir daí que surgiram todas as outras organizações.

Aurea da Silva Pereira: Que outras organizações foram surgindo com a fundação da comunidade?

D. Sônia: Comunidade é quando você se junta com pessoas com um só objetivo. E a partir daí, a gente fundou esse grupo. Primeiro um grupo de catequese, e começamos ir pra Inhambupe, e lá conhecemos políticos que falavam sobre associação e o qual era o objetivo de se criar uma associação. E a partir daí, veio uma senhora de Quizambu, chamada Bene que chegou aqui e se “engraçou”, porque a gente já estava bem adiantada com o grupo, e convidou a gente para o Quizambu para ajudar ela na organização da associação de lá. Então, nos organizamos aqui e fomos, eu, compadre Gilberto, Dona Vitória, Celestina, minha tia Gregória, Leandra, seu Lídio e Timbinho, falando assim falta gente, formando um grupo de pessoas.

E lá ajudamos Bene na organização da associação de Quizambu. Mas lá era outra prefeitura, com fórum diferente. Nós morávamos do lado de cá, e eles do lado de lá. Então, os projetos que vinham pra lá não serviam pra nós aqui. Aí, a primeira coisa que eu pedi lá na associação foi a organização da estrada. Aí foram que eles viram a necessidade de em vez de nós ficarmos lá, a gente vim pra cá organizar nossa comunidade. E foi assim que conseguimos essa estrada de Quizambu que liga Saquinho. Esse já foi trabalho da associação daqui da comunidade. Essa é Associação de Produtores e Agricultores Rurais de Saquinho. Foi essa primeira associação que se movimentou e deu luz à comunidade.

Elaine de Araújo Carneiro: As experiências que a senhora adquiriu lá em São Paulo contribuíram e influenciaram sua relação com a comunidade de Saquinho?

D. Sônia: Contribuíram muito. O que eu trouxe de lá foi uma experiência muito boa, boa mesmo, porque o que eu conhecia aqui não ia contribuir. Se eu tivesse ficado aqui, se eu fosse começar a fazer esse trabalho era agora. Porque Damiene me carregava, me convidava, a gente ia pra igreja de São Judas. E ela era uma pessoa que não era patroa, era amiga. Então, ela sentava e passava muita experiência do que ela viveu lá na África. Ela me mostrava fotos, com coisas interessantes, e aí que eu me interessei, cheguei aqui e vi que a comunidade precisava de uma Damiene. Estou fazendo com que esse fruto floresça até quando eu puder.

Aurea da Silva Pereira: Então foi depois da criação da Associação de Produtores e Agricultores que surgiu a associação de mulheres? Conte-nos um pouco sobre o surgimento do grupo de mulheres.

D. Sônia: No momento que nós estávamos com a associação de produtores rurais já foi no governo de Simone, a prefeita. E aí, as mulheres pediam emprego, “ah, Simone, eu quero emprego, eu quero trabalhar...” Aí ela falou: O que é que nós vamos fazer pra vocês trabalharem?” “Vamos fundar uma associação para que eu possa trazer os cursos, vocês fazem, e do que vocês aprenderem, vocês vão ganhar o próprio dinheiro. E assim que surgiu a associação das mulheres. O que ela tinha no momento era curso de corte e costura, curso de cabelereiro, doce, alimentação alternativa. Todos esses

cursos nós fizemos. Mas quando nós jogamos o projeto na Associação de Produtores Rurais, os homens não se alegraram e não se interessaram, pra fazer. A gente fez duas reuniões e não saía do papel. Aí eu fui lá conversar com Simone que disse: “ Que tal fundar a associação das mulheres? Aqui a “gente tem o departamento da mulher pra gente dar suporte”. Então, foi assim que surgiu a associação das mulheres. Nós temos no salão máquinas de costura, e as mulheres fizeram cursos, algumas até que estão levando adiante, e outras pararam.

A associação de mulheres está com oito anos. Foi em 2007. E eu ainda era a presidente da Associação de Produtores Rurais. É tanto que a primeira presidente da Associação de Mulheres foi Gilvânia, porque eu não podia ser presidente das duas.

Elaine de A. Carneiro: Depois da criação da associação de mulheres o que foi que a comunidade conseguiu, principalmente a partir dessa liderança da senhora?

D. Sônia: Através da associação das mulheres, também com pouco tempo Deus levou Simone, e a partir daí os projetos foram diminuindo. Depois veio o novo prefeito Euberto Luiz que não trabalhou muito coma as associações. Aí veio Benoni que também não trabalhou muito com as associações. Os projetos foram reduzidos e não tivemos muitos avanços. A gente fundou a associação em março de 2007, e em agosto de 2007 a prefeita Simone faleceu.

Aurea da Silva Pereira: A senhora poderia citar as principais conquistas da comunidade depois da criação das duas associações?

D. Sônia: Primeiro, foi a igreja. A igreja católica foi construída através da Associação de Produtores Rurais. Na época, a associação ainda não tinha muitos membros. Construimos a igreja com os associados, com as mulheres e comunidade, pedindo e o pessoal colaborando. Iniciamos a associação apenas com a diretoria.

Depois da igreja, veio o projeto das salas do colégio, da ampliação das salas. Segundo foi a chegada da energia elétrica, pois aqui não tinha energia ainda, depois foi a implantação do ginásio, porque não tinha ginásio aqui na

comunidade. No colégio, as crianças estudavam até a quarta série, e na quarta série encerrava. E aí, na época a prefeita Simone era Secretária de Educação e ela nos deu essa glória de ter o ginásio até hoje. Então, os alunos, como não tinha ginásio e nem energia iam pra Inhambupe. Ela deu o carro.

Não, não tinha energia elétrica na comunidade. Na época funcionava o Mobral até às 20h e 55m e era de lampião. Até eu aqui tinha um e emprestava também pra aqueles que estudavam Mobral.

A sede da Associação de Agricultores e Produtores rurais foi inaugurada em primeiro de novembro de mil novecentos e noventa e cinco. Depois tivemos a construção do Posto de saúde, foi mais ou menos em 1998.

Elaine de A. Carneiro: Podemos dizer que as principais carências da comunidade, bem como as necessidades básicas foram sanadas, principalmente depois da sua atuação como presidente. Então, quais são as próximas demandas que Saquinho precisa conquistar ou conseguir? Existem projetos futuros para a comunidade?

D. Sônia: Nossos projetos têm como base as necessidades que a comunidade precisa, que é como exemplo, a construção de sistema de ampliação da água para todas as casas. Essa é a necessidade que nós precisamos sanar. É porque nós estamos querendo e sentindo necessidade, até falemos com o prefeito, para fazer um projeto de ampliação de um sistema de poços que possa chegar em toda comunidade. Observar se tem como fazer uma mudança, porque tem muitos desvios de água, e nós estamos correndo atrás disso, pra melhorar a situação. Falta muita água aqui; além disso, aqui não tem rede de esgoto.

Aurea da Silva Pereira: Como enxerga seu trabalho aqui na comunidade? E quais são as motivações que a senhora tem para fazê-lo?

D. Sônia: Minha motivação é gostar. Porque eu já tentei parar; tem dias que me sinto cansada, mas vejo as necessidades, e assim como agora mesmo, a gente tem como meter a cara pra ir buscar. Então, estou indo ver se a gente consegue realizar mais uma conquista. E também, como agora a gente está querendo trabalhar com o projeto de ampliação de água, Deus abençoando que faça a ampliação da água, queremos trabalhar mais com a

agricultura. Porque você vê a falta de alimentação e tudo isso está na agricultura e depois vai para a feira e mercados, mas tudo isso é especialmente é da roça. É da roça mesmo que vem quase tudo. Hoje você não encontra uma batata, não encontra uma abóbora, um aipim na roça. Hoje está muito difícil, por falta de água. Porque você vê que a chuva diminuiu esses anos, e aí com o sol, fica tudo difícil. Quem sabe com uma irrigação, as coisas não melhoram. Esse é um dos meus projetos. A gente até já colocou o projeto para discutir na associação. Vamos ver se a gente vai conseguir.

Elaine de A. Carneiro: Para a senhora, há apoio e reconhecimento dos próprios moradores de Saquinho com relação ao trabalho que realiza em favor da comunidade?

D. Sônia: Não, nem sempre as pessoas valorizam. Isso eu sinto que não. Eu acho assim que se a comunidade reconhecesse mesmo, chegava junto, e nem todo mundo chega junto. Espera mais “as coisas caírem do céu”.

Aurea da Silva Pereira: Como é o trabalho dessa mulher negra e como é que a senhora se percebe como mulher negra na liderança dessa comunidade?

D. Sônia: Eu me sinto realizada. Porque, como a gente vem falando, e Dona Vitória já falou, foi com muitas dificuldades, quando eu comecei esse trabalho muita gente falava que eu não ia conseguir, que eu não ia conseguir nada. Primeiro porque eu era mulher, segundo porque eu não tinha dinheiro, porque tinha isso e até hoje tem. Se você não tem dinheiro, as coisas ficam difíceis. Como agora mesmo, saí candidata a vereadora, mas porque as pessoas vinham me procurar e eu não tinha como fazer nada, eu não fui eleita. Tive sessenta e três votos. Então é muito pouco pelo trabalho.

Às vezes, as meninas “mangam” de mim, porque às vezes eu chego ao espelho, até requebro, e chamo elas, me arrumo toda e digo: “ Vocês já viram como sou uma mulher negra, bonita? Vocês viram como eu tenho valor?” E esse valor, vou dizer pra vocês... tratando da história política, na época da comunidade, aqui não tinha vereador, e eu achava que a comunidade só ia pra frente se tivesse um vereador ali, e eu fiz um vereador aqui na comunidade. Ao invés de ser eu, com essa história de não ter dinheiro, porque as pessoas diziam, “o que é que ela vai fazer? Não tem dinheiro, não tem carro,

não tem nada...”. Então eu fui e dei a minha chance para um companheiro. Ele não saiu pra fazer nada, mas eu saí de porta em porta pedindo voto para ele. Ele ganhou duas vezes, mas só que não me reconheceu. E eu continuei o meu trabalho. Aí na terceira vez, ele saiu de novo, aí eu disse: “Agora eu vou ver pra que eu sirvo”. Meti a cara também. Aí foi dessa vez que ele não ganhou, e tive duzentos e vinte votos. Mas, “mulher não pode exercer na política”, no segundo ano que saí, já saí com mais dois homens, que era pra eu não saí. Quando foi agora, eu falei: “Vou sair”. “A minha chance é essa”, porque apoiando o prefeito era a minha chance, mas saiu mais três homens, como que diz: “Mulher não manda”. Aí meu filho disse: “Mas mãe, a senhora saia desse meio”. Eu disse: “Não saio!”. “Dez votos que eu tiver, esses votos são meus”. Saíram mais três homens pra me derrubar. Não tive a honra de ser vereadora, mas sou reconhecida pelo prefeito que me deixou como representante dele aqui na comunidade.

No momento que você sai pra trabalhar, se você tem essa visão,... porque eu digo a vocês, não é querer ser melhor, mas a teima que tem é porque eu ainda estou na associação, porque no dia em que eu cruzar os braços, aqui aquieta, porque ninguém tem a coragem de levar o que eu levo. Ninguém tem coragem de meter a cara assim.

Agora mesmo, trabalho, estou organizando a festa da padroeira, não tive férias, mas não vou desistir não. Hoje eu levantei, arrumei a casa, fui para o posto, trabalhei, fui para Alagoinhas, voltei e neste instante vou pra igreja pra ajudar na organização da celebração.

Elaine de A. Carneiro: Qual é o objetivo da associação de mulheres hoje?

D. Sônia: O objetivo da gente hoje é buscar e já vem lutando, mas o nosso objetivo mesmo é construir uma cooperativa para melhorar as condições das mulheres. Porque você vê que a falta de emprego está grande, através de prefeitura a gente não consegue, aí estamos vendo como conseguir. Vamos até fazer uma reunião com a vice-prefeita que prometeu nos ajudar, e vamos à luta.

Aurea da Silva Pereira: O que essas mulheres têm aprendido na associação?

D. Sônia: Você ver que Gilvânia mesmo foi uma das alunas de corte e costura, hoje ela já trabalha na Copener, já faz roupas. Temos três mulheres que fizeram esse curso e já estão exercendo. Mas só que aqui na comunidade não tiveram condições, aí teve que partir pra fora, e nós queremos uma coisa que venha e fique aqui dentro, pra nós, que venha criar emprego e renda pra nós.

Aurea da Silva Pereira: Como a senhora define o jovem de hoje, levando em consideração a inserção digital nas escolas da comunidade?

D. Sônia: Hoje todo mundo fala bem do Saquinho e todo mundo quer ser do Saquinho, porque houve um tempo que ninguém queria ser de Saquinho. Mas agora todo mundo quer pertencer. Hoje a visão é outra, porque eles acham que o Saquinho hoje é a comunidade mais desenvolvida. Saquinho é bem representado. A comunidade mais representada como religião, política. Saquinho é disputado.

Elaine de A. Carneiro: E a educação, como é que a senhora analisa a educação escolar na comunidade?

D. Sônia: Os professores daqui até que lutam, mas você vê que hoje nem todos os jovens querem estudar. A gente fala muito sobre isso, porque antes a gente brigava pra estudar. Em outros tempos, mesmo que tivesse chovendo, era sol quente, a gente ia lá pra escola, a gente era carente. Mas não perdia aula, ia para o Quizambu a pé.

Hoje o carro vem pegar na porta, pense aí? Vem pegar na porta e o interesse é pouco. Você vê que muitos alunos hoje, as mães só deixam ir pra escola por causa da bolsa família, mas não dão aquela importância pra que eles procurarem aprender.

Eu tive nove filhos na escola, eu fui a professora dos meus nove filhos. Todos eles, quando foram pra escola, já sabiam ler e escrever. Eu trabalhava, mas chegava e ia ensinar. Meu primeiro menino, a primeira professora dele foi Nieta. Nieta não sofreu com ele, porque ele já chegou sabendo o a,b,c, e escrever o nome dele.

Aurea da Silva Pereira: A senhora falou sobre a falta de motivação dos jovens aqui na comunidade. A senhora atribui essa situação a quê?

D. Sônia: Eu não sei se vou falar a verdade, mas eu vou falar. Eu digo a motivação pode vir de casa, porque os meus filhos, nem todos tinham essa paixão por estudar, mas eu conversava com eles, porque se não estudasse o futuro ia ser prejudicado, eles não iam ter um bom trabalho, eles não iam ser alguém na vida. Eu conversava isso muito, até ameaçava: “Se vocês brigarem na escola, eu bato de novo”. Não pode brigar, não pode responder ao professor, e sempre ficava atenta. Eu ia lá, procurava saber dos professores como era o comportamento dos meus filhos. E minhas filhas hoje falam: “Hoje eu agradeço a Deus e ao que minha mãe que passava tudo pra mim”. Então eu acho que isso foi uma motivação, porque se as crianças já saírem desmotivadas de dentro de casa, como vão tomar gosto pela escola. A motivação precisa começar de casa.

Elaine de A. Carneiro: Que outros ganhos a comunidade teve que a senhora não mencionou?

D. Sônia: Tem o orelhão. Temos também uma quadra de esporte, conquistamos a sede da associação, o trator foi fruto da associação, frente de trabalho, a estrada do Saquinho, indo pra Quizambu, foi conquistada através da associação e de Antônio Nascimento que era vereador. As máquinas de costura que estão lá na associação de mulheres. Eram seis máquinas, uma levaram pra consertar e agora tem cinco.

Aurea da Silva Pereira: *Para fechar, quem é Sônia?*

D. Sônia: Bom, Sônia foi uma pessoa muito sofrida, mas que na verdade ela nem sentia que estava sofrendo. Pela força de vontade, coragem, capacidade, mesmo sem dinheiro, mas tinha Deus e amor pelo que fazia. Sônia é essa pessoa, essa mãe, avó, companheira, amiga, entre tudo, uma mulher lutadora.

Recebido em 2 de dezembro de 2016.

Aceito em 23 de dezembro de 2016.

